

JAN
1965

revolução popular

Uma denúncia-----	2
Editorial: As nossas tarefas actuais-----	4
Fidel Castro: A "passagem pacífica" em Cuba-----	15
Quatro notas sobre a actualidade política-----	16
Classes antagónicas e luta de classes na U.R.S.S.--	31
Comentário: "A Terra" ao serviço da burguesia cam ponesa-----	48
Lenine sobre a ditadura do proletariado-----	52

ÓRGÃO DO
COMITÉ MARXISTA-LENINISTA
PORTUGUÊS

++++++
2
++++++

...Acerca dos métodos
de luta ideológica...

UMA DENUNCIA

O artigo que reproduzimos em fotocopia saiu no numero de Dezembro do "Avante", orgao central do P.C.P.; nele sao denunciados os nomes de dois militantes revolucionarios na clandestinidade, sob o pretexto de que se trata de "provocadores".

Este facto inqualificavel surge no desenvolvimento da campanha cada vez mais violenta desencadeada pelos dirigentes do P.C.P. contra a corrente marxista-leninista: em Fevereiro iniciou-se uma série de expulsões, tentando ocultar com sujas calunias as divergências ideológicas existentes; em Junho, o "Militante" denunciava a influência da propaganda "vinda do estrangeiro", nos mesmos termos em que o faria qualquer jornal burguês; em Outubro, começou a lançar-se uma campanha odiosa de vigilância, de pressões e de intimidações junto dos elementos marxistas-leninistas; agora, como isto já não é suficiente para conter as ideias revolucionarias, entra-se no caminho da denuncia em forma.

Assim, o largo espirito "unitario" de Alvaro Cunhal que o leva a desistir duma linha independente para o proletariado, a fim de não ter que criticar a burguesia, não o impede contudo de denunciar militantes revolucionarios na clandestinidade, pondo-os em risco de serem presos pela Pide!

E preciso que os dirigentes revisionistas estejam verdadei-

=====

CUIDADO COM ELAS

Manuel e Joao, dois renegados pertencentes ao grupelho de Francisco Martins Rodrigues, todos eles expulsos ha tempos do Partido Comunista Português por actividades cisionistas e aventureiristas, dedicaram-se ultimamente a acções provocatorias contra o Partido.

Neste proposito, têm procurado militantes do Partido que conhecem junto dos quais espalham calunias contra a linha do Partido e contra a sua Direcção, tentando arrastá-los para o seu lado na actividade e provocatoria contra o Partido.

No momento em que o inimigo fascista in-

ramente aterrados pelo crescimento da corrente marxista-leninista para não verem aonde os levam tais procedimentos; eles transformam o "Avante", órgão com largas tradições na luta anti-fascista de nosso povo, numa folha de calúnias e denúncias reles e querem fazer degenerar o Partido num grupo sectário e contra-revolucionário. Já não lhes basta impor a sua linha reformista sem admitir uma discussão séria; agora, querem fazer os militantes colaborar numa acção policial. Parece-nos que é ir longe demais.

Nos, a quem acusam de "grupos provocatório", nunca poderíamos conceber um tal acto. O critério que nos guia na luta contra a corrente revisionista e as correntes burguesas anti-salazaristas é radicalmente diferente; nós criticamos as suas linhas de orientação porque sabemos que não podem levar a classe operária e o povo à vitória; mas consideraríamos indigno do nome de revolucionário e expulsariamos irremissivelmente das nossas fileiras todo aquele que tivesse a baixeza de denunciar à polícia outros combatentes anti-fascistas, só por estar em desacordo com a sua linha.

Os dirigentes revisionistas podem pois estar tranquilos quanto ao perigo de lhes respondermos na mesma moeda; há processos que estão excluídos para os revolucionários. Mas podem também ter a certeza de que tudo faremos para desmascarar totalmente o oportunismo da sua linha e para arrancarmos o proletariado e as massas populares à sua influência.

Sabemos que os dirigentes revisionistas irão recorrer a processos ainda mais indignos, à medida que se

tensifica a sua acção repressiva contra o Partido Comunista e os seus militantes que conduzem nas mais duras condições a luta das massas trabalhadoras e do nosso povo contra o regime salazarista, não podemos deixar de considerar a acção desagregadora destes indivíduos como uma verdadeira provocação tendente a identificar-se com a acção do próprio inimigo.

Aos militantes do Partido, aos democratas e a todas as pessoas honradas, aqui fica o aviso.

=====

agravar a sua situação; é um recurso de desesperados que apressara o seu afundamento. Por cada traição que cometerem, novos militantes virão engrossar as fileiras marxistas-leninistas. Venceremos, porque nos apoiamos na teoria marxista-leninista e representamos os interesses das massas oprimidas.

...Editorial...

AS NOSSAS TAREFAS ACTUAIS

Com a criação em Abril passado do Comité Marxista-Leninista Português deu-se um primeiro passo no sentido do reagrupamento ideológico, político e orgânico dos comunistas portugueses que o revisionismo e o oportunismo vinham lançando na dispersão.

Recebida com uma campanha de descrédito e de insultos, a organização marxista-leninista tem vindo, apesar disso, a reforçar-se e, em Portugal, como em todos os países, acentua-se neste momento a luta entre marxismo-leninismo e revisionismo. Desde agora, à corrente reformista tradicional opõe-se uma plataforma marxista revolucionária que difunde entre os trabalhadores as ideias da iniciativa e independência popular, da luta armada, da conquista do poder, da revolução democrática-popular.

Nada pode já ocultar este facto que transforma as perspectivas da luta de classes no nosso país e que confirma a justeza da iniciativa dos militantes comunistas, entre os quais o camarada Campos, ex-membro da Comissão Executiva do Comité Central do Partido Comunista, que romperam com a direcção revisionista para poderem defender o marxismo-leninismo numa base independente.

Foi isto justamente que assinalou uma reunião de militantes marxistas-leninistas recentemente realizada. Mas a reunião debruçou-se também sobre as insuficiências do trabalho desenvolvido e debateu as tarefas que se colocam aos marxistas-leninistas portugueses.

Intensificar a luta de ideias

I. A situação actual no campo anti-fascista caracte-

riza-se pela mobilização de todas as forças burguesas e reformistas para travarem o impulso revolucionário das massas trabalhadoras e ajudarem o capitalismo português a passar a crise que se aproxima. Por isso, a primeira tarefa dos comunistas é conduzir resolutamente a luta ideológica, de modo a fazer penetrar entre as massas populares as ideias do marxismo-leninismo e da revolução e derrotar as ideias reformistas.

O trabalho ideológico realizado até agora pelo Comité Marxista-Leninista é bastante positivo. Apesar dos esforços frenéticos da direcção do Partido Comunista para ocultar aos militantes e aos trabalhadores a natureza do debate em curso, a discussão não tem cessado de se alargar dentro e fora do Partido e a linha revisionista revela directamente as suas contradições.

2. Enfrentando a ameaça de desmascaramento total, a corrente revisionista está a usar uma tática dupla; por um lado, atenua a sua linguagem reformista, declara aceitar a luta armada popular, cobre-se com uma fraseologia "revolucionária"; por outro lado, multiplica as calúnias contra os marxistas-leninistas, recusa sobranceiramente a confrontação de ideias com os "provocadores", tenta envenenar os militantes com um sectarismo histérico, não hesita mesmo em fazer denúncias públicas da maior gravidade.

Esta actuação tem tido o seu efeito sobre muitos militantes: uns ganham ilusões sobre a possibilidade de conseguir corrigir pouco a pouco os dirigentes revisionistas e leva-los a posições revolucionárias; outros olham com desconfiança os militantes dos comités marxistas-leninistas, acusando-os de não respeitarem a disciplina, de quererem destruir o Partido, de desautorizarem dirigentes provados em longos anos de clandestinidade; outros ainda, embora reconhecendo a justiça da nossa plataforma política, pretendem que o revisionismo não tem grande gravidade em Portugal e que, na época actual, todos os esforços devem ser concentrados na luta anti-fascista.

3. Todas estas tendências erradas devem ser combatidas.

E preciso mostrar que a luta ideológica é uma parte

importante da luta de classes actual, que o que está em jogo é decidir se a hegemonia na luta anti-fascista deve caber à burguesia ou ao proletariado e que deixar o campo livre ao reformismo, a bem da "unidade", seria desarmar os militantes e preparar uma derrota sangrenta para o povo nas lutas superiores que se avizinham; é preciso mostrar que não é a luta de ideias que enfraquece o Partido e o movimento anti-fascista mas que, pelo contrario, eles não deixam de se enfraquecer dia a dia enquanto o reformismo não for derrotado; é preciso explicar que a disciplina e a unidade do Partido não são possíveis nem têm sentido se não forem postas ao serviço do marxismo-leninismo; é preciso dizer que a energia e combatividade dos comunistas não se reforçam com injurias e lamentações contra o inimigo de classe, mas derrotando as ideias reformistas que impedem o avanço das massas populares.

A força de atracção das ideias revolucionarias tornar-se-á invencível se as soubermos defender correctamente.

4. O trabalho teórico levado a cabo pelo Comité lançou já as bases para uma análise marxista da luta de classes e das características da revolução portuguesa na etapa actual; mas esse trabalho é apenas um ponto de partida que deve ser aprofundado.

A reunião assinalou que, dada a falta de amadurecimento ideológico do movimento revolucionário nacional, mantida durante décadas num praticismo acanhado e de esperar a manifestação de tendências pseudo-marxistas nas nossas fileiras e ha que conduzir contra elas um combate constante e resolutivo. Nos meses de actividade decorridos, assistiu-se com frequência a manifestações de atraso político e de desprezo pelo estudo, o que facilita, sobretudo entre elementos intelectuais, a atracção por tendências contrarias ao marxismo-leninismo, desde o "dinâmico" e "democrático" revisionismo italiano até ao falso extremismo trozkiante, desde o activismo cego até às repetições dogmáticas de textos que não assimilam.

Para formar uma solida base marxista-leninista nas nossas fileiras ha que criar em todos os militantes o habito de raciocinar e de aprender sobre as experiencias diarias da luta de classes, elevar o seu conhecimento do movimento revolucionario portugues e do movimento revolucionario mundial, chegar pela luta de ideias a superacao das contradicoes no pensamento e a nocoes que refletem mais exactamente a realidade. Neste sentido, é necessario elevar rapidamente o nivel dos militantes por meio de cursos elementares, criando nucleos de estudo do marxismo, fazendo sair com mais regularidade o orgao do Comité, etc.

Lançar a base dum Partido Marxista-Leninista

5. A reuniao criticou vivamente o facto de o trabalho de esolarecimento ideologico do Comité nao ter sido acompanhado desde o inicio por um trabalho paralelo no terreno organico; nesta questao, o Comité revelou certa subestimacao da urgencia de pôr de pé um partido m-l e uma tendencia de expectativa em face da evolucao interna do Partido Comunista. Isto teve como resultado que o numero de células até agora constituídas nao corresponda ao apoio encontrado entre os militantes comunistas e que se verifique uma certa flutuação na actividade politica desenvolvida.

A experiencia mostra que o trabalho de mobilizacao das grandes massas populares para a luta anti-fascista, que domina sobre as tarefas actuais, so se tornara eficaz se for apoiado numa estrutura partidaria marxista-leninista muito firme, num nucleo revolucionario solido.

Por isso, continuando e alargando o trabalho ideologico, um grande esforço deve ser dirigido desde agora para a formacao de células marxistas-leninistas, como primeiro passo para a constituicao dum partido.

Ao mesmo tempo, a reuniao acentuou que sao de continuar a combater todas as tendencias para a aceitacao nas fileiras marxistas-leninistas de elementos sem posicao ideologica bem definida ou para a constituicao precipitada do partido.

6. O atraso na constituição de células marxistas-leninistas resulta também da tendência de muitos militantes para desligarem a luta ideológica e política duma plataforma orgânica e para esperarem que as ideias revolucionárias se imponham espontaneamente. Esta tendência que se defende com o argumento de não enfraquecer o Partido Comunista, como a maior organização anti-fascista existente, tem a sua raiz justamente numa subestimação da importância do Partido:

A classe operaria e as massas trabalhadoras não precisam de qualquer partido que se intitule comunista, por muito experimentados que sejam os seus dirigentes e numerosas as suas fileiras; elas precisam dum partido verdadeiramente revolucionário, guiado pelas ideias do marxismo-leninismo; e nada pode alterar o facto de o Partido Comunista, após muitos anos de infiltração do revisionismo, perdeu o seu cunho revolucionário e se transformou num partido radical do proletariado cuja meta deixou de ser a revolução e a conquista do poder para, sob a direcção de Alvaro Cunhal, se afirmar cada vez mais como um auxiliar da modernização do poder burguês.

Em Portugal, tal como em muitos outros países, entramos num período em que a corrente marxista-leninista e a corrente revisionista vão disputar entre si a influência sobre o proletariado e as massas populares, dando lugar à existência simultânea de dois partidos; quanto mais cedo os comunistas compreenderem a inevitabilidade histórica deste fenómeno, mais depressa a corrente revolucionária derrotará a corrente reformista.

Estruturar um núcleo revolucionário livre do reformismo é a maior tarefa actual dos marxistas-leninistas portugueses. E preciso dizer claramente que sair das fileiras duma organização controlada pelos revisionistas não é voltar as costas à luta mas se torna uma necessidade para os revolucionários que querem cumprir os seus deveres para com as massas oprimidas.

7. Uma outra deficiência do trabalho orgânico realizado tem sido a fluidez do controle central aos

novos núcleos marxistas-leninistas que surgem e começam a desenvolver uma actividade política espontânea, guiando-se apenas por directivas muito gerais. Esta situação, resultante da fase de crescimento que a organização atravessa e das condições da clandestinidade, deu já lugar a erros políticos e facilitou golpes policiais de certa gravidade. É preciso pôr-lhe termo imediatamente por meio duma estruturação sólida, partindo de cima para baixo, que combata todas as tendências anarquicas e dispersivas, como condição do êxito do trabalho encetado.

O Secretariado Político provisório tomou a responsabilidade da execução pratica destas directivas e da convocação no prazo necessario duma conferência em que estejam representadas as organizações marxistas-leninistas existentes e onde seja criado o partido e eleita uma direcção nacional.

A nossa linha tactica perante a situação nacional

8. É sobre os comunistas que recai a pesada tarefa de encabeçarem a luta das grandes massas populares contra a ditadura fascista de Salazar; ninguém mais pode fazê-lo. Por isso, ao mesmo tempo que lutam para lançar as bases ideologicas e orgánicas do Partido, os comunistas devem dedicar a maior atenção à luta política de massas.

Neste momento tudo indica que, após a pausa de 1963/1964, o movimento popular se prepara para nova ofensiva contra a ditadura; o alastramento das guerras coloniais, o empobrecimento das massas trabalhadoras, a crise nos campos, as divisões no seio da burguesia, junta-se ao odio acumulado no povo em 30 anos de opressão fascista para criar uma situação extremamente favoravel às forças revolucionarias. Os proximos meses poderão trazer importantes acontecimentos se a acção popular romper as barreiras do legalismo e do pacifismo e o seu espirito de revolta for canalizado para acções superiores, fazendo recurso à violência. Será no decorrer das grandes acções de massas contra a guerra, contra a repressão, contra as burlas eleitorais, contra a fome, contra a pe

netração imperialista, que estas se emanciparao da influência do reformismo e do radicalismo burguês e tomarao a via da insurreição armada.

9. Para levar as massas populares a desencadearem toda a sua potencialidade revolucionaria, os marxistas-leninistas devem pôr de pé uma forte frente popular anti-fascista, que levante a bandeira do combate pela liberdade, pela paz, pelo pão, pela terra, pela independência.

Esta frente de combate nao se confunde com o partido marxista-leninista, pois os seus objectivos sao limitados à luta anti-fascista e à instauração do poder popular e a sua composição é mais larga que a do partido; ela nao se confunde também com ~~qualquer~~ qualquer coligação de partidos anti-salazaristas, pois a sua missão é justamente promover a independência e iniciativa das massas populares, libertando-as da influência burguesa, e permitir-lhes imprimir uma direcção revolucionaria à luta, leva-las à conquista do poder politico.

A experiência de dezenas de anos mostra que, para agrupar todos os sectores e camadas sociais que se opoem ao fascismo numa unica corrente revolucionaria invencível, é preciso que um partido marxista-leninista saiba começar por unir as grandes massas trabalhadoras da cidade e do campo, cujos interesses sao radicalmente diferentes dos da burguesia anti-salazarista. Os militantes comunistas devem ser os maiores dinamizadores desta frente popular e enraiza-la em todos os locais onde as massas oprimidas se levantem para combater contra a ditadura.

10. Actualmente a Frente Patriotica de Libertação Nacional, a principal coligação de agrupamentos anti-fascistas, tornou-se um ponto de apoio do reformismo para tentar enfeixar e colocar sob sua influência todo o movimento anti-fascista. A F.P.L.N. define-se cada vez mais claramente como a cobertura politica duma vasta operação de engano das massas que, por detras de concessões demagogicas ao seu espirito combativo, tenta leva-las a abandonar as duas condições basicas para o êxito da luta: a criação duma força armada popular e a conquista do poder

político.

Nos últimos tempos, a F.P.L.N. sofreu importantes derrotas com o rompimento da "unidade" fictícia em que se apoia e com a revelação do jogo de compromissos emde paralização que nela dominam; nos próximos meses, o desenvolvimento das lutas de massas poderá vir a agravar ainda mais as suas contradições internas, pondo a claro a dualidade de interesses do proletariado e da burguesia anti-salazarista e colocando em sérios embaraços o reformismo de Cunhal. Os marxistas-leninistas devem intensificar por isso o trabalho de esclarecimento dos lutadores que ainda estão iludidos sobre os objectivos da F.P.L.N.

A reunião aprovou inteiramente a linha de independência e de crítica que tem sido seguida pelo Comité Marxista-Leninista em relação à Frente Patriótica e aos outros agrupamentos anti-salazaristas. O desenvolvimento da luta de massas pode vir a criar condições muito favoráveis para a negociação de acordos com diversas forças anti-salazaristas; essas condições deverão ser aproveitadas, tendo sempre como base o interesse do desenvolvimento do movimento de massas e combinando-se com a crítica pública à orientação de todas as correntes..

A nossa linha perante as revoluções nacionais nas colónias

II. As guerras revolucionárias de libertação nacional que estão sendo conduzidas pelos povos de Angola, Guiné e Moçambique são um importantíssimo apoio e impulso à luta revolucionária do proletariado e do povo português.

A posição dos marxistas-leninistas separa-se irreconciliavelmente do oportunismo também neste problema, porque nós não procuramos nem aceitamos qualquer plataforma comum com a burguesia em relação à questão colonial. Só o proletariado revolucionário pode ter uma posição internacionalista consequente perante as revoluções coloniais; todas as outras classes, amarradas a interesses exploradores, tendem em maior ou menor grau a procurar desviar as revoluções coloniais do seu curso e a castrá-las numa

solução neocolonialista. Propagar o contrario, como faz a corrente oportunista de Cunhal, fazer crer que a burguesia tem uma posição revolucionária nesta questão e elaborar pomposas resoluções comuns "anti-colonialistas" é ajudar a encobrir os intuitos reaccionários da burguesia e a abrir caminho ao neocolonialismo.

Nos devemos pois prestar solidariedade internacionalista aos povos das colónias em luta, não apenas condenando a guerra, com os massacres e a ruína económica que a acompanham, mas desmascarando ao mesmo tempo todas as correntes neocolonialistas, conduzindo uma propaganda activa contra o chauvinismo que surge na pequena-burguesia, no campesinato e mesmo no proletariado, opondo-nos resolutamente a toda a interferência nos problemas internos do movimento colonial.

As insurreições coloniais têm vindo a exasperar a luta de classes em Portugal: elas abriram a primeira frente de luta armada contra a ditadura, estão cavando mais o fosso entre pobres e ricos, acentuam as divisões entre grupos burgueses e a dependência da burguesia perante o imperialismo. A única posição revolucionária consiste em utilizar esta ajuda para elevar rapidamente a luta popular anti-fascista a um nível superior.

A nossa posição perante a luta no movimento comunista internacional

I2. Os dirigentes revisionistas procuram ocultar aos militantes e aos trabalhadores a natureza da grande luta de princípios que se está travando no movimento comunista, e, para isso, recorrem a calúnias sem escrúpulos; do mesmo modo que rasgam a bandeira da revolução democrática popular e atacam os revolucionários em Portugal como "aventureiros" e "provocadores", eles rasgam a bandeira do internacionalismo e caluniam o Partido Comunista da China e outros par

tidos marxistas-leninistas que marcham nas primeiras linhas da luta revolucionaria.

Esta campanha tem encontrado uma viva resistencia da parte dos militantes, que vem na experiencia nacional da luta de classes um desmentido total à linha revisionista da "passagem pacifica ao socialismo" e de cedência incondicional perante o imperialismo em nome da coexistência pacifica; é um facto que a estúpida campanha anti-chinesa de Alvaro Cunhal enfraqueceu seriamente a sua autoridade sobre as massas trabalhadoras.

Mas isso nao significa que a campanha de desinformação e de calunias nao produza os seus frutos, dando lugar ao aparecimento de variadas tendências revisionistas e conciliadoras. Certos militantes ~~brêm~~-colocar-se numa posição objectiva pelo facto de nao apoiarem nem uma nem outra das correntes, que atribuem a um conflito de prestigio sino-soviético, e defendem que a disputa pode ser resolvida por concessões mutuas; outros afirmam que a luta de tendências no movimento comunista é favoravel ao imperialismo; que é inutil procurar uma linha geral para o movimento comunista e que a polémica deve ser suspensa incondicionalmente.

Todas estas posições mostram que é preciso avivar nos comunistas a consciéncia de que a luta em curso no movimento comunista é um combate irreconciliavel entre o marxismo-leninismo e o revisionismo e que do seu éxito dependem novos avanços dos povos no sentido do comunismo.

13. Actualmente, a corrente revisionista que domina o Partido da Uniao Soviética e muitos outros partidos de países socialistas e capitalistas continua a acentuar a sua linha de traição do marxismo e da revolução proletaria. Após a queda de Nikita Kruschov, os revisionistas soviéticos nao so nao abandonaram o seu esforço de entendimento com o imperialismo americano e de contenção da luta revolucionaria dos povos como se esforçam por o levar cada vez mais longe e de forma mais habil, enco

brindo-se com falsas afirmações de unidade. A insistência em convocar para Março a reunião preparatória da conferência cisionista é a melhor prova de que nada mudou na linha dos dirigentes soviéticos.

Mas estas manobras não conseguem impedir o reforçamento da corrente marxista-leninista no mundo inteiro, sobretudo nos países coloniais e semi-coloniais agitados por uma grande vaga revolucionária. Na Europa, onde se instalou um dos mais sólidos bastiões do revisionismo moderno, apoiado no grupo de Tito e no "togliatismo", também os marxistas-leninistas representam uma força que tende a tornar-se considerável; na Bélgica, Espanha, França, Itália, Jugoslavia, Austria, Suíça, Inglaterra, os partidos marxistas-leninistas formados ou em vias de formação levantam a bandeira da luta contra o revisionismo, guiados pelo exemplo do grande Partido Comunista da China, do Partido do Trabalho da Albânia, do Partido do Trabalho da Coreia e outros partidos marxistas-leninistas.

Os marxistas-leninistas portugueses devem participar activamente nesta grande luta, estudar e desmascarar as posições revisionistas, combater inflexivelmente a conferência de cisão que se prepara, pôr a luta contra o revisionismo moderno no centro da sua actividade revolucionária.

Tal como a luta actual do proletariado e do povo português é uma parcela do grande movimento revolucionário dos povos de todo o mundo para derrotar o imperialismo, destruir o regime capitalista e instaurar o socialismo e o comunismo, também a nossa luta contra o reformismo de Alvaro Cunhal e dos dirigentes do Partido Comunista Português é uma parcela da grande luta mundial contra o revisionismo moderno. Os marxistas-leninistas portugueses não poderão triunfar nas suas tarefas nacionais se não souberem travar o combate também na grande frente comunista internacional ao lado dos seus camaradas de armas de todos os países.

A "PASSAGEM PACIFICA" EM CUBA

"Nao foram os quatro, cinco, seis ou sete de entre nos, dispersos um dia sobre o territorio, que conquistaram o poder, foi o movimento de massas que surgiu da luta contra a tirania e que acabou por condazir à vitoria popular.

A este respeito, ha um certo numero de pontos que queriamos esclarecer, uma vez que ha certos teóricos que afirmam que a passagem do capitalismo ao socialismo em Cuba se fez por meios pacificos. Isto equivale a negar que milhares e milhares de combatentes tenham tombado sobre a nossa terra; isto equivale a negar que um exército saído do povo tenha podido vencer um exército moderno, equipado e instruído pelo imperialismo americano; a negar que bombas explosivas e incendiarias "made in U.S.A." se tenham esmagado sobre os nossos camponeses, sobre as nossas cidades e as nossas aldeias; a negar a luta formidável do nosso povo; a negar Playa Girón e aqueles que aí deixaram a sua vida.

Nao foi uma passagem pacifica: tivemos que combater e sem isso nao teria havido qualquer especie de "passagem" no nosso pais. Sem essa luta heroica, sem a luta armada do povo cubano, talvez ainda tivéssemos entre nos o sr. Baptista "made in U.S.A."

Esta é que é a verdade historica: e nos julgamos nos no direito de dizer, ao menos, qual é a nossa verdade historica. Nao é uns teóricos que nunca puseram os pés em Cuba que cabe dizer o que aí se passou.

E preciso nao ter vergonha de dizer as coisas, é preciso nao as dizer em voz baixa, mas dizê-las bem alto, de maneira que todo o mundo as ouça, e as ouça de verdade! Para que os povos nao as ignorem, porque estas falsas interpretações da

Historia tendem a criar o conformismo que é tao agradavel ao imperialismo. Elas facilitam a resignação, o reformismo e a politica atentista que adia as revoluções para as "calendas gregas".

Que os teóricos do imperialismo se preocupem em que nao haja revolução, nada de mais logico. Por isso eles se esforçam por caluniar a Revolução cubana, semear as calunias e mentiras, dizer os piores horrores a fim de fazer nascer nos povos o medo das revoluções. E absurdo! Que os teóricos do imperialismo preguem o conformismo, seja; mas que os teóricos revolucionarios nao tenham medo de chamar o povo à revolução!"

(Fidel Castro. Discurso pronunciado em 15 de Janeiro de 1963 no encerramento do Congresso das Mulheres Americanas)

Por absoluta falta de espaço, nao nos é possivel incluir neste numero a primeira parte da analise critica ao informe de Alvaro Cunhal "Rumo à vitoria", apresentado à reuniao do Comité Central do P.C.P. em Abril de 1964.

QUATRO NOTAS SOBRE A ACTUALIDADE POLITICA

Depois da grave crise de Outubro, a Frente Patriotica parece navegar de novo de vento em pôpa. Os seus dirigentes reanimam as esperanças, acenam com novas promessas, tomam mesmo acentos triunfais. Quem os ouça julgara que algo de muito importante se passou e que acontecimentos decisivos se prepa-

ram desta vez. Mas a realidade é menos brilhante. Os trabalhadores, o povo, que já pagaram com 40 anos de escravização a sua esperança sebastianista nos resultados miraculosos da "Unidade", seriam de novo iludidos se se deixassem dominar por esta campanha. Eles devem saber a verdade.

O ressurgimento do MUNAF

O que trazem de novo as resoluções desta 3.^a Conferência da Frente Patriótica? Quanto a nós, o traço distintivo da conferência é a sua orientação decidida para a integração das forças participantes, para a criação dum super-partido oposicionista; de resto, a conferência não fez mais do que consagrar uma orientação que tem vindo já a ser posta em prática nos últimos meses.

Apesar de no ponto I se retomar a tradicional afirmação de que a F.P.L.N. não é um partido político, as resoluções mostram que o aparelho dirigente que se está criando para a Frente vai muito além das necessidades de coordenação entre os vários agrupamentos políticos - é dum direcção política que se trata, com organismos deliberativos e executivos minuciosamente regulamentados, dispondo dos seus órgãos de imprensa e rádio, apoiada num conjunto de departamentos que tomam quase o ar de pré-ministérios: dos estrangeiros, da guerra, propaganda, finanças, etc.

E a unificação não se faz so no escalão dirigente. A conferência procurou dar à direcção os meios mais amplos de controle político e preconiza que a orientação das juntas patrióticas existentes e a criar seja entregue aos órgãos dirigentes da Frente e que se proceda à "unificação orgânica ascendente" das juntas, isto é, à criação dentro do país dum estrutura clandestina unificada.

Pode-se, pois, falar com propriedade em super-partido e numa reedição actualizada do MUNAF. Mais uma vez prevalece a tendência para se construir uma organização unitária, onde o Partido Comunista

fornece os quadros, os militantes, os meios técnicos, e os grupos burgueses contribuem com elementos dirigentes. Curiosa associação esta....

Deixemos por agora a questão de saber se é viável este super-partido oposicionista e vejamos qual é o seu programa político. Segundo as resoluções, a F.P.L.N. tem como objectivo preparar a insurreição popular armada e, após o triunfo desta, destruir a máquina de Estado fascista, assegurar as liberdades fundamentais dos cidadãos e construir um Estado democrático, promovendo a formação de um governo democrático provisório que organizara eleições livres por sufrágio universal, igual, directo e secreto... Reconhece-se solenemente o direito de autodeterminação e de independência dos povos das colónias e desta vez defende-se mesmo "a rigorosa não-ingestão nos assuntos internos do movimento nacional de libertação".

Parece que nenhuma garantia foi esquecida pelos participantes na Conferência para vencerem o cepticismo do povo português e dos povos de todo o mundo quanto às suas intenções revolucionárias: "Unidade, insurreição armada, anti-colonialismo, revolução..." Sabemos que a tentativa é demasiado forte para todos os que ^{vêm}sonhando há vinte anos com uma integração das forças anti-salazaristas, como forma de vencer a impotência perante a ditadura, e que bastantes continuarão a sucumbir a essa miragem. Mas insistiremos em mostrar que é apenas uma miragem.

Ponhamos a claro desde já que não vamos dar-nos ao trabalho de criticar as reivindicações "revolucionárias" da F.P.L.N.; a sua omissão do problema do poder político (que classes tomam o poder? Por que meios exercem esse poder?), as suas reivindicações duma "indústria avançada e nacional" e duma "reforma da estrutura agrária", não merecem discussão. É evidente que a palavra "revolução" surgiu aqui como simples ornamento e que não devemos exigir-lhe nenhum significado preciso. Pela nossa parte, preferíamos mil vezes que a Frente Patriótica

nao simulasse, objectivos revolucionarios que nao pode ter, e se dedicasse a expor honestamente um caminho viavel para o derrubamento da ditadura fascista.

Na actualidade, depois de 38 anos de uma ditadura fascista que nao foi ainda vez alguma posta em causa, todas as posicoes revolucionarias que nao se apoiem sobre uma definicao clara do caminho da insurreicao popular e da forma de garantir as conquistas sociais dessa insurreicao, soam irremediavelmente a oco. Ora, é justamente nestas questoes-chave que a soberba seguranca da Frente Patriotica se transforma em nebulosidade e incerteza.

Como pensam os dirigentes da F.P.L.N. pôr em marcha e levar ao triunfo, debaixo do fogo da repressao fascista, a insurreicao popular armada? Onde irao as forcas democraticas buscar o exército de que necessitam para bater a forca armada fascista? Virao os libertadores do estrangeiro? Sairao eles arregimentados dos quartéis, com os tanques, canhoes e avioes, no dia do "levantamento nacional"? Transformar-se-ao os operarios e camponeses miraculosamente em guerrilheiros, soldados e capitães do exército revolucionario durante as greves e manifestacoes? Ninguém o sabe e ninguém parece preocupar-se seriamente com isso. Mas nao é verdade que sem responder a esta questao todas as frases sobre a insurreicao se transformam em opio para o povo?

E certo que nas resolucoes ha referencias muito explicitas à "sabotagem de armamentos e de transportes e destruicao de material militar"; isto seria muito positivo se nao fosse apenas um tributo que os dirigentes da F.P.L.N. pagam às tendencias "terroristas" e "sanguinarias" que os pressionam pela base, exigindo cada vez mais impacientemente que se ponha fim à paz podre. Que eles nao têm nenhuma intencao séria de encarar o processo da luta armada contra a ditadura, luta que sera forçosamente prolongada, seguindo um processo gradual, ressalta claramente da condenacao formal que fazem mais uma vez das accoes de combate, ao pronunciarem-se contra "os métodos de terrorismo (individual ou colectivo) bem

como contra a destruição das estruturas económicas do país" (cap. III, ponto 8). Nesta questão, os políticos "patrióticos" nem sequer se esforçam por aparentar um mínimo de coerência; então a sabotagem de material de guerra não é "terrorismo"? Então destruir transportes não é atingir "as estruturas económicas do país"? Então nos somos "aventureiros" por defendermos um processo sistemático de luta armada popular e os dirigentes da F.P.L.N. não são aventureiros por reclamarem sabotagens isoladas de material de guerra?

O que pensaram os militantes destas directivas enigmáticas e contraditórias? Compreenderão eles que os seus dirigentes procuram apenas ir ganhando tempo?

Os dirigentes da Frente Patriótica podem encontrar formulações ainda mais engenhosas para defender o seu programa. Eles poderão mesmo vir a lançar um ou outro acto violento isolado para mostrar que não temem a violência e a luta armada. Mas isso não impedirá que os trabalhadores, que os anti-fascistas consequentes, continuem a reclamar-lhes que esclareçam de uma vez para todas como pensam chegar à insurreição e por que meios crêem que se pode destruir o Estado fascista. Felizmente já passou o tempo em que se podia passar por revolucionário fazendo proclamações "insurreccionais"; hoje para se ser tomado a sério é preciso explicar quem fará a insurreição, contra quem, sob a direcção de quem, com que meios, para que fins. Se os dirigentes da F.P.L.N. querem ser tomados a sério, têm que explicar a sua oposição encarnizada à formação, no decurso da luta, de um exército popular revolucionário e têm que apresentar uma alternativa mais viável.

Para concluir, digamos ainda que não consideramos casual o facto desta 3.ª Conferência da Frente Patriótica tentar suprir com uma organização integrada, com um super-partido, a falta dum programa político consequente. Precisamente porque as forças dominantes no seio da F.P.L.N. se querem assegurar do controle das massas populares no decurso

da transição "liberalizadora" que a burguesia prepara, precisamente porque se querem garantir contra o risco de os trabalhadores tentarem o assalto do poder, é que elas precisam de transformar a Frente Patriótica num super-partido. Foi essa a sua tática durante a crise de 1944-49 com o MUD e o MUNAF e ha que reconhecer que a burguesia tirou dela bons resultados. Mas a historia nao se repete. Nao permitiremos que o impulso revolucionario popular seja de novo acorrentado aos compromissos da "Unidade".

O crepusculo dos deuses

Um dos resultados desta 3.^a Conferência, e nao dos menores, foi consagrar o rompimento do General Humberto Delgado com a FPLN. Com desconcertante à-vontade, a conferência "lamenta que o senhor general nao tenha desejado participar nos trabalhos" e informa que "o senhor general ja nao é presidente da Junta Revolucionaria". E é tudo. O presidente da F.P.L.N., que ainda na véspera lia proclamações e dava entrevistas à imprensa internacional, some-se como se fosse engolido por um alçapao e os participantes passam tranquilamente ao ponto seguinte da ordem de trabalhos. Inexcedível espirito democratico este, que mostra bem o desprezo dos politicos da F.P.L.N. pelos trabalhadores simples que nao pertencem ao "mundo da politica". Mas como, apesar de tudo, é preciso dizer alguma coisa aos militantes estupefactos, contam-se-lhe à boca pequena as malfetorias do general-presidente e explica-se-lhes que foram certos elementos extremistas que, com fins inconfessaveis, arrastaram o general no caminho da cisao; a mao de Pequim intervem tenebrosa sobre a politica portuguesa...

Como nao temos quaisquer compromissos com a hipocrisia "unitaria" em vigor na Oposição, nao nos é dificil repor a verdade de toda esta lamentavel historia.

Desde ha alguns anos, diversos partidos e agrupamentos anti-fascistas têm vindo alimentando ide-

ias que consideramos extremamente incorrectas a proposito das posições politicas do general Humberto Delgado. Esta incoerência tomou sobretudo um aspecto grave com os dirigentes do Partido Comunista que nao temeram, a partir de certa altura, passar a apoiar a sua politica de alianças na Unidade com o general Delgado, acreditando ou fazendo por acreditar que o general tinha feito uma profunda evolucao ideologica e estaria em posições de esquerda.

Esses dirigentes esqueceram que o general, ja depois da sua candidatura de 1958, tinha formulado repetidas e claras posições colonialistas e que, por exemplo, ainda em 1961, exprimiu o seu apoio incondicional às teses ultra-colonialistas defendidas pelo capitao Galvao num seu livro. Esses dirigentes esqueceram também que o general Delgado tinha revelado por diversas vezes, espontâneamente e com a maior sinceridade as estreitas relações que o unem aos meios dirigentes dos Estados Unidos, sobretudo a elementos do Pentagono. Esqueceram que todas as declarações "democraticas" e "anticolonia listas" do general Delgado tinham um caracter equívoco e nebuloso e nao permitiam de forma alguma esperar que este oficial de carreira tivesse feito qualquer evolucao ideologica.

Lançou-se assim uma campanha publicitaria de grande estilo em torno do general Delgado e trabalhou-se para lhe compor uma imagem de revolucionario que ele nunca fora. Em Novembro de 1963, por exemplo, o "Avante" transcrevia passagens truncadas de uma entrevista do general tentando apresentá-lo como um homem de esquerda, quase como um simpatizante comunista. Em Janeiro deste ano, o Boletim "Portugal Livre" exaltava a "singular representatividade do general" pelo facto de ter sido candidato da Oposicao em 1958. Em Fevereiro, o "Avante" noticiava a toda a largura da primeira pagina a escolha do general para presidente da "Junta Revolucionaria Portuguesa", e felicitando-se por este acontecimento, transcrevia extractos de uma alocucao.

Nos ultimos meses sobretudo, tinham-se multiplicado os esforços para dar ao povo português e aos meios internacionais uma imagem desfigurada do general Delgado. Declarações extremamente conservadoras eram censuradas ou truncadas; atribuíam-se-lhe ideias que nunca manifestara; certos países socialistas receberam-no com honras de chefe de Estado; e em Argel um elemento com responsabilidades nas forças de esquerda chegou a chamar-lhe "o Castro português"!

Seria inexacto dizer que esta politica aventureira nao encontrou objecções. Ela vinha encontrando uma resistencia crescente desde ha anos da parte de muitos comunistas e de outros antifascistas que nao acreditavam na "evolucao" do general e nao viam nele senao um politico burgues conservador. Mas os dirigentes do P.C., no prosseguimento da sua politica de Unidade, rejeitaram todas as criticas, afastaram todas as objecções e classificaram como "sectarias" as justas posicoes dos militantes. Hoje, que a pratica da luta politica mostrou a inconsistencia da linha de estracao e neutralizacao do general, esses dirigentes, em vez de procurarem rever as suas posicoes e corrigir os seus erros, fazem uma viragem completa, sem dar quaisquer explicacoes e tentam atribuir-nos as responsabilidades das suas faltas! Como exemplo de coerencia ideologica, de seriedade politica e de espirito autocritico, parece-nos notavel.

Pois bem, repetimos uma vez mais que nao estamos "por detras" nem "por diante" do general Delgado e que nada temos que ver com as lutas entre a F.P.L.N. "patriotica" e a F.P.L.N. "portuguesa". Consideramos hoje como ontem que entre as nossas posicoes e as posicoes do general Delgado ha um abismo que so haõ nota quem nao compreender nada de politica; o general Delgado é obviamente um politico conservador, como sempre foi; nos somos uma organizacao marxista-leninista que tem como objectivo a instauracao por via revolucionaria dum poder popular democratico em Portugal.

Consideramos, contudo, que o general Delgado, pelo

facto de ter saído da Frente Patriótica não se transformou automaticamente de anjo em demónio, de "exemplo de coragem" e de "presidente eleito dos portugueses" em inimigo público número um, de "revolucionário" em "fascista". Recusamo-nos hoje em alinhar com a excomunhão do general como nós recusámos ontem a incensá-lo. Continuaremos a defender o princípio dos contactos e negociações entre todos os agrupamentos e personalidades antissalazaristas, não para fabricar "unidades" míticas mas para confrontar os interesses respectivos e fazer progredir a luta pelo derrubamento da ditadura.

O prosseguimento que seguiremos em relação a esta questão é o mesmo que tencionamos seguir em relação a todas as forças políticas existentes no país: estudar seriamente as suas posições dum ponto de vista de classe e expor perante as massas trabalhadoras e o povo o nosso ponto de vista. Esta será, quanto a nós, a única forma de ajudar a luta antifascista a sair da fase "unitária" (que já vai longa demais!) para entrar finalmente na sua fase revolucionária.

A Revolução dos militares

Um outro fruto desta crise da "Unidade" foi a renovação dos representantes das "forças da ordem", que na Oposição portuguesa são a clássica garantia de "seriedade" e "bons propositos" (isto é, de propositos não-revolucionarios). Ao general Delgado, muito imprestável, substituiu-se uma equipa de jovens oficiais exilados que constituem o novo "Comité de militares revolucionarios" e que numa declaração de 25 de Outubro atestam a sua disposição de lutar e morrer em Portugal pela causa da liberdade e pela independência da pátria.

Esta boa vontade é louvável. Mas nem por isso a Declaração, subscrita por elementos que se dizem revolucionarios, deixa de estar sujeita à crítica. E nos pensamos que é necessário criticar a concepção que os militares da F.P.L.N. mostram ter da revolução portuguesa.

Na verdade, sugerir, como se faz na declaração,

que as forças armadas já estiveram ao serviço do povo, chamar "renegados" aos comandos fascistas, reclamar que Portugal seja "restituído" ao povo português - tudo isto são indicações de que os militares da F.P.L.N. aproximam muito a revolução antifascista dum restabelecimento da situação anterior a 1926; esta concepção que, de resto, está muito difundida nos meios da Oposição, mesmo nos que se pretendem os mais esquerdistas, exige que recordemos alguns factos.

A Republica de 1910 foi uma etapa no largo processo de formação e consolidação da ditadura burguesa em Portugal, etapa que foi irremediavelmente ultrapassada pelo desenvolvimento das forças produtivas e das relações capitalistas no país. Pretender regressar à Republica de 1910 é tão utópico e reaccionário como pretender restaurar a monarquia. Todo o revolucionário tem o dever de encarar o período republicano dum ponto de vista crítico, histórico, em vez de venerar mitos carunchosos.

Durante a Republica burguesa, e ao contrario do que parecem pensar os militares da F.P.L.N., as forças armadas nao eram uma instituição ao serviço do povo. As forças armadas fizeram nessa época a guerra em França contra o imperialismo alemão, ao serviço do imperialismo inglês, sacrificando muitos milhares de vidas numa empresa contraria aos interesses do povo português; as forças armadas completaram durante a Republica a ocupação e as sangrentas campanhas de "pacificação" nas colonias, numa empresa contraria aos interesses do povo português e dos povos das colonias; as forças armadas espingardearam por diversas vezes as greves e manifestações operarias, entre 1910 e 1926, ao serviço da burguesia, contra o interesse do povo; as forças armadas fizeram e desfizeram golpes de Estado, pelos quais os grupos da burguesia se substituíam uns aos outros, contra os interesses do povo.

E verdade que durante a Republica os trabalhadores podiam servir-se dos orgaos da democracia burguesa para defender os seus interesses; nesse sen-

tido, a instauração da ditadura fascista foi um tremendo passo atrás. Mas deve dizer-se que, durante a República burguesa, Portugal não pertencia ao povo português. Se havia eleições, liberdade sindical, de imprensa, etc., todas as liberdades burguesas, é preciso não esquecer que essas liberdades não permitiam de forma alguma ao povo português ser dono de Portugal e que, não só não impediam mas facilitavam a ditadura da burguesia sobre o proletariado, nas condições de então. Não será mais exacto dizer que Portugal pertencia nessa época como hoje, à burguesia, aos latifundiários e ao imperialismo estrangeiro e que a única diferença estava na correlação de forças entre a burguesia e o proletariado e na extensão das concessões que por consequência as classes dominantes eram forçadas a fazer às classes oprimidas?

Porque levantamos nos este problema? Será apenas pelo nosso espírito "sectário" e pelo nosso desejo de criticar a todo o custo os militares da F.P.L.N.? Não, nos levantamos este problema porque o consideramos extremamente importante para o êxito da luta antifascista. Se na época actual se propaga uma concepção idealizada da República burguesa e se oculta que ela foi uma forma de ditadura burguesa, então estamos a desarmar-nos para compreender aquilo que há de novo e de original na revolução antifascista, que nada tem de comum com o passado; ou seja, que as transformações que o país exige só podem ser alcançadas pela expropriação da grande burguesia e dos latifundiários e que só uma ditadura popular terá forças para levar a cabo uma tarefa de tal envergadura. Ao reclamar que Portugal seja "restituído" ao povo português, os militares da F.P.L.N. mostram não se ter ainda apercebido desta questão que constitui, o ponto central de toda a posição revolucionária no Portugal de hoje.

Pode dizer-se que, apesar das contradições do seu pensamento, os Militares da F.P.L.N. são oficiais antifascistas dispostos a bater-se e que isso já é muito positivo. De acordo. Mas então porque insistem eles em proclamar-se "revolucionários"? Não negamos a

ninguém a sinceridade das suas convicções antisalazaristas, mas parece-nos pouco sério que nos últimos tempos todo o mundo tenha começado a apregoar-se "revolucionário". Até a Resistência Republicana não escapou à moda e se rebaptizou como "Resistência Republicana e Socialista". Por que misteriosa razão hoje em dia ninguém em Portugal quer ser radical, liberal, conservador, republicano, e todos querem ser "revolucionários" e "socialistas"?

Pela nossa parte temos a consciência da responsabilidade que assumimos por nos chamarmos marxistas-leninistas e revolucionários e por isso esforçamo-nos por definir publicamente como compreendemos a luta de classes e a revolução em Portugal, explicar a nossa concepção de revolução democrática e popular, poder popular, luta armada, etc. Não nos interessa alimentar equívocos em torno das nossas intenções. Para demagogia já chega a demagogia dos fascistas.

Chefes, partidos, classes

O nosso trabalho de crítica à Frente Patriótica tem sido retardado pela incompreensão ainda hoje generalizada a muitos elementos revolucionários que negam aos agrupamentos aí associados, com excepção do Partido Comunista, qualquer representação social e pretendem estarmos apenas perante combinações, intrigas e manobras de personalidades, sem qualquer expressão política real. Segundo essas camaradas, procurar motivações de classe na política da Frente Patriótica, seria atribuir-lhe uma importância que ela não tem; a nossa tarefa seria, pois, apenas desmascarar a ambição e a falta de escrúpulos de certos indivíduos.

Quanto a nós, o ponto de vista destes camaradas resulta duma incompreensão de fundo quanto ao papel da luta política e ideológica como expressão da luta de classes.

Hoje vai-se tornando claro que a situação no nosso país tem vindo a evoluir lentamente no sentido de se extremarem três correntes de classe bem distintas na luta antifascista: por um lado, uma cer-

rente revolucionaria, alimentada pela parte mais consciente do proletariado e pelos outros sectores revolucionarios do povo, que começou pela primeira vez a encarar seriamente a hipotese da tomada do poder politico e da preparacao da luta armada para conseguir esse objectivo; por outro lado, a corrente liberal burguesa, agrupando sectores cada vez mais vastos da grande e da média burguesia, a qual procura abrir caminho a uma modernizacao e a um fortalecimento do regime de ditadura burguesa; e entre estas duas correntes opostas, a corrente radical tradicional que nao se atreve a ser revolucionaria e que, temendo a ditadura democratica popular tanto como a ditadura fascista, esta condenada a uma posicao intermédia e tende para o papel de força de pressao sobre a grande burguesia num sentido de "liberalizacao"; é sobretudo na pequena e na média burguesia e em certos sectores do semi-proletariado que esta corrente se inspira.

Naturalmente a luta entre estas três correntes reflete-se no interior dos grupos politicos porque a linha dos partidos é uma expressao concentrada (consciente ou inconsciente) das reivindicações das diferentes classes. Quando, por exemplo, os dirigentes do Partido Comunista juntaram à sua tarefa de artifices incansaveis da Unidade a função de campeoes da luta contra o "dogmatismo" e o "aventureirismo", eles deslizaram inteiramente, mesmo que disso se nao tivessem apercebido, para a defesa dos interesses da burguesia, contra os interesses do proletariado revolucionario. Podem Alvaro Cunhal e os seus amigos supor-se verdadeiros dirigentes do proletariado, isso nao altera em nada o facto de que, tendo a escolher entre uma e outra corrente, eles foram levados pelo conjunto das suas concepções a defender a recomposicao da ditadura burguesa e a lutar contra a ditadura popular; eles completaram o seu processo de transformacao em oportunistas, isto é, de representantes junto do proletariado dos interesses da burguesia. So quem nao compreende o marxismo e as manifestações da luta de classes no terreno politico e ideologico se pode escandalizar com esta constatacao.

Nos não negamos que certas personalidades políticas determinem a sua conduta em função de ambições pessoais, de calculos egoístas e de interesses estreitos de grupos; mas isso não diminui em nada o facto de que eles sofrem a atracção de uma ou de outra das correntes em que se vem polarizando a luta de classes no nosso país e que em ultima análise servem uma ou outra corrente. Quando, por exemplo, os elementos do MAR (Movimento de Acção Revolucionária), depois de muitas vacilações, resolveram em Outubro transformar-se num agrupamento "respeitável" e ingressar na Frente Patriótica, é evidente que eles se deixaram ganhar pelas solitações e pela ambição de passarem a dispor do poderoso aparelho de propaganda da F.P.L.N.; o prémio do seu acomodamento foi sem dúvida compensador pois o boletim da Frente nomeou-os desde logo como "um dos três únicos partidos políticos que lutam nas difíceis condições de clandestinidade"; se nos lembrarmos que ainda três meses antes os seus colegas na F.P.L.N. declaravam que "o MAR não existe", teremos uma noção do caminho percorrido...

Mas que deve ver um marxista por detras desta negociação? Um marxista não pode deixar de ver que o grupo do Mar saiu da fase em que procurava o seu lugar de classe, abandonou o seu esforço inicial para ser o porta-voz de certos sectores mais radicais da pequena-burguesia e se lançou resolutamente do lado da recomposição "liberal" burguesa. E não é preciso imaginarmos os elementos do MAR a receber o ouro dos burgueses liberais para dizermos que servem esses interesses; eles servem-nos porque, envolvidos no debate entre duas linhas políticas, foram arrastados para o campo que exprime os interesses e pontos de vista da burguesia liberal. Não se pode excluir que no futuro alguns elementos do MAR sofram de novo a pressão do movimento revolucionário da pequena-burguesia e venham a procurar outra linha; mas neste momento, eles servem realmente os interesses da recomposição liberal.

* * *

+

+

+

Por vezes nega-se também que os agrupamentos radicais e liberais associados ao P.C.P. no seio da Frente Patriótica tenham qualquer significado ou projecção no interior do país, com o argumento de que eles não dispõem dum aparelho partidário organizado e duma direcção estável. Mas isto, quanto a nós é transpor para as condições da ditadura fascista os métodos e formas de luta utilizadas pela burguesia nas condições da democracia burguesa. É evidente que o MAR e a Resistência Republicana não lutam nem tencionam lutar "nas difíceis condições da clandestinidade"; a experiência de 40 anos de ditadura mostrou que a tática dos agrupamentos radicais e liberais consiste na utilização dos meios legais, na propaganda através dos contactos individuais, na conquista de ligações e apoios no aparelho de Estado. Tudo isto representa de facto uma actividade diminuta; mas, paralisados e como que adormecidos nos períodos de estagnação política, eles tornam-se subitamente activos quando a conjuntura é favorável: as inúmeras influências, ligações e apoios de que a burguesia dispõe sempre em toda a parte, permitem-lhes definir rapidamente um aparelho dirigente, condensar um corpo político, ganhar uma base de massas por vezes temível, travar eficazmente uma luta pelos seus objectivos de classe. Isso tem-se tornado bem patente em todos os períodos de afrouxamento da repressão, como o período do MUD, as campanhas eleitorais e o período de agitação de 1961-62, com a acção de Beja.

Não é veros e procurarmos nos agrupamentos burgueses uma organização semelhante à do Partido Comunista seria encararmos a burguesia à imagem do proletariado, seria deixar-mo-nos dominar pelo fetichismo da democracia burguesa e crermos que, nas condições da ditadura fascista, a luta de classes não prossegue e não cria as suas formas políticas próprias.

O combate à linha reformista da Frente Patriótica só será acertadamente conduzido se soubermos ver por detrás das combinações e intrigas, as manifestações da luta de classes incessante que se trava pela conquista da direcção do movimento popular antifascista. A Frente Patriótica só será eficazmente desmascarada se os militantes revolucionários virem por detrás das personalidades e dos grupos, por detrás da ambição de uns e do utopismo de outros, a atracção sempre crescente da corrente burguesa liberal que procura salvar a ditadura burguesa em Portugal e fechar o caminho à democracia popular e ao socialismo.

CLASSES ANTAGONICAS E LUTA DE CLASSES NA UNIAO S. SOVIETICA

A razão principal apresentada pelo grupo revisionista de Khrushchov para proclamar a abolição da ditadura do proletariado na URSS foi o facto de as classes terem sido eliminadas e a luta de classes já não existir. Será esta, contudo, a situação real na URSS? Será verdade que já não existem classes antagonicas nem luta de classes?

Após a vitória da grande revolução socialista de Outubro, foi instaurada a ditadura do proletariado, com a abolição da propriedade privada capi-

talista e com o estabelecimento da propriedade socialista de todo o povo e da propriedade colectiva socialista através da nacionalização da indústria e da colectivização da agricultura. Em algumas décadas, a ditadura do proletariado conseguiu grandes realizações na edificação socialista. Foram vitórias inesquecíveis, vitórias de grande alcance histórico, obtidas pelo PCUS e pelo povo soviético, sob a direcção de Lenine e de Staline.

A velha burguesia e as

outras classes exploradas que, embora derrubadas não tinham sido inteiramente liquidadas, continuaram, contudo, a existir após a nacionalização da indústria e a colectivização da agricultura. A influência política e ideológica da burguesia subsistia. As forças espontâneas capitalistas continuavam a existir, tanto na cidade como no campo. Novos elementos burgueses e kulaks (camponeses ricos) surgiam continuamente. Durante todo o tempo decorrido desde então, a luta de classes entre o proletariado e a burguesia, entre as vias socialista e capitalista, prosseguia nos campos político, económico e ideológico.

Dado que a União Soviética era o primeiro país e nessa época o único, a edificar o socialismo, não dispondo de qualquer experiência estrangeira como ponto de referência, e que, por outro lado, Staline se tinha afastado da dialéctica do marxismo-leninismo pela sua interpretação das leis da luta de classes na sociedade socialista, proclamou-se prematuramente que na União Soviética "já não existiam classes

antagónicas"(1) e que "a sociedade soviética estava liberta das lutas de classe", (2) após a realização, no essencial, da colectivização da agricultura.

Chamando exclusivamente a atenção para a unidade da sociedade socialista, Staline subestimava as contradições nela existentes, não se apoiava sobre a classe operária nem sobre as grandes massas na luta contra as forças capitalistas, e considerava que a possibilidade de restauração do capitalismo provinha unicamente do ataque armado do imperialismo internacional. Este ponto de vista é errado, é falso, tanto em teoria como na prática.

Staline não deixa, contudo, de ser um grande marxista-leninista. Quando dirigia o Partido e o Estado Soviético, manteve firmemente a ditadura do proletariado e a orientação socialista, aplicou uma linha marxista-leninista e assegurou a marcha triunfal da União Soviética pela via do socialismo.

Khrushchov, desde que tomou a direcção do Partido e do Estado soviético, aplicou uma série de

de medidas políticas revisionistas, que têm estimulado o desenvolvimento das forças capitalistas e exarcebado de novo, na União Soviética, a luta de classe entre o proletariado e a burguesia, a luta entre a via socialista e a via capitalista.

Basta folhear os jornais soviéticos destes últimos anos para encontrar numerosos exemplos mostrando que, na sociedade soviética, existem não só elementos das antigas classes exploradoras mas que se oriaram também novos elementos burgueses e que se accentuam diferenças de classes.

Vejamos primeiramente as actividades de elementos burgueses nas empresas soviéticas, propriedade de todo o povo.

Os responsáveis de certas fabricas do Estado e os seus associados aproveitando-se das suas funções arranjam fortunas fabulosas pela utilização do equipamento e do material das fabricas de que são responsáveis para criarem "officinas clandestinas" e produziram a título privado, procedendo à venda ilícita

dos produtos e dividindo entre si os ganhos. Eis alguns exemplos:

Em Leninegrado, numa fabrica que trabalha para o exército, os responsáveis, instalando homens de confiança "em todos os postos chaves", transformaram esta empresa do Estado numa empresa privada", começaram a produzir ilegalmente artigos militares e apropriaram-se de 1 milhão e 200 mil rublos antigos em três anos, só com a venda de canetas. Entre eles se encontrava "um ladrãoinato", um homem que "era um nepman" "na década de 1920".(3)(Nepman - classe de negociantes e empresarios que se desenvolveu durante o período da NEP, nova politica economica.N.T.)

O director de uma fabrica de tecidos de Uzbequistão agira de conivência com o engenheiro chefe, o chefe contabilista, o responsável da secção de vendas e de aprovisionamento, os chefes de officina e outros, tendo-se tornado "chefes de empresas de fresca data". Por meios ilícitos, compraram mais de dez toneladas de seda artificial e natural para produzir

artigos que "nao entram na contabilidade". Tinham contratado operarios necessitados e aplicavam "o dia de trabalho de doze horas"(4).

O director de uma fabrica de moveis de Carcova tinha estabelecido na sua empresa uma "officina clandestina de confecções" para fabricação de artigos destinados à especulação. Este homem "tinha varias mulheres, varios automoveis, muitas casas, 176 gravatas, perto de cem camisas e dezenas de fatos". Era, por outro lado, um grande jogador, um frequentador das corridas de cavalos (5).

Estes elementos nao conduzem as suas actividades isoladamente. Trabalham invariavelmente de connivência com funcionarios dos serviços de Estado encarregados do aprovisionamento do comércio e de outros serviços. Têm os seus homens de confiança na milicia e nos serviços judiciais, que os protegem e lhes servem de agentes. Mesmo altos funcionarios dos organismos do Estado os defendem e encobrem. Eis alguns exemplos:

O director de uma fa-

brica anexa ao Instituto de profilaxia de doenças mentais de Moscovo e seus associados tinham fundado "uma empresa clandestina" e, por preço de chuva, tinham comprado 58 maquinas e muitas quantidades de matérias. Tinham entabulado negócios com "52 fabricas, cooperativas artesanais e kolkoses" e tinham realizado em poucos anos um lucro de 3 milhoes de rublos. Tinham subornado funcionarios do Departamento contra a especulação e o roubo dos bens socialistas, inspectores, verificadores, etc.

O director de uma fabrica de construção mecânica da Federação da Rússia, tinha roubado com a cumplicidade do director adjunto de uma outra fabrica de construção mecânica e outros funcionarios, ou seja um total de 43 pessoas, mais de 900 teares para vender a fabricas da Asia Central, do Kasakestao, do Caucaso e de outras regioes, maquinas que foram utilizadas pelos responsáveis destas fabricas para produção ilicita(6).

Na Kirguisia, um bando de depredadores, de mais de 40 membros, dedica-se

à produção clandestina em duas fabricas sob o seu controle, tendo roubado já mais de 30 milhões de rublos ao Estado. Entre os seus membros figurava o Presidente da Comissao de Planeamento da Republica, um vice-ministro de comércio, sete chefes de escritorio e de divisoes do Conselho de ministros da Republica, da Comissao economica-nacional e da Comissao de Controle do Estado, assim como um "grande kulak escapado do exilio".

Estes exemplos mostram que as fabricas caídas nas mãos destes elementos degenerados continuam a chamar-se nominalmente empresas socialistas, quando na verdade se tornaram empresas capitalistas, instrumento da sua fortuna. As suas relações com os operários tornaram-se relações de exploradores a explorados, de opressores a oprimidos. Não são elementos burgueses com porcento, estes degenerados, que, detendo os meios de produção e dispondo deles, exploram o trabalho dos outros? E os seus cúmplices no seio dos organismos do Estado, que entrando em contacto com

eles, aproveitando toda a espécie de exploração, desviando fundos, dando e aceitando subornos, participando na distribuição do lucro, não serão também elementos burgueses em todo o sentido da palavra?

E, pois, evidente, que toda essa gente pertence a uma classe hostil ao proletariado, isto é, à burguesia. As suas actividades anti-socialistas constituem precisamente esta luta de classe pela qual a burguesia ataca o proletariado.

Vejamos agora em que consistem as actividades Kulaks.

Alguns responsáveis de kolkoses e seus associados desviam os fundos, entregam-se à especulação e ao roubo dos kolkosianos, explorando-os sem a menor vergonha. Eis alguns exemplos:

No Uzbekistão, um presidente de kolkose fazia "reinar o terror em toda a aldeia". Neste kolkose, todas as funções importantes eram desempenhadas por seus pais, parentes e amigos. "Desviou mais de 132.000 rublos do kolkose para a satisfação das suas necessidades particulares". Tinha

um carro, duas motocicletas e "3 mulheres, cada uma possuía uma casa de campo própria"(7).

Na região de Kursk, um presidente de kolkose considerava este como "seu patrimônio". Tinha-se entendido com o guarda-livros, o caixa e o chefe de armazém, com o agrônomo, o director de vendas e outras pessoas para se encobrirem mutuamente e "explorar os kolkosianos"; e em alguns anos tinham conseguido desviar para além de 100.000 rublos(8).

O presidente de um kolkose ucraniano tinha desviado mais de 50.000 rublos, falsificando certificados e registos, de acordo com o guarda-livros que, citado "como guarda-livros modelo" tinha sido enviado a Moscovo participar na Exposição de realizações de economia nacional(9).

O presidente de um kolkose da região de Alma-Ata tinha-se especializado na especulação comercial. Comprara "na Ucrânia ou no Uzbekistão sumo de frutas, açúcar e álcool em Djambul" que, transformadas em bebidas alcoólicas, foram vendi-

das por toda a parte a preços elevados. Este kolkose compreendia uma empresa vinícola produzindo mais de um milhão de litros por ano, cuja distribuição se fazia por toda a R.S.S. do Kazakestão, sendo a especulação comercial uma das suas principais fontes de receita(10).

O presidente de um kolkose da Bielorrússia "portava-se como um senhor no seu feudo" e em tudo agia "arbitrariamente". Vivia não no kolkose mas numa casa de campo, ou então na sua "luxuosa residência", e estava constantemente ocupado com "diversas máquinas comerciais" e "negócios ilegais". Comprava gado fora, fazia-o passar como pertencente ao kolkose e, nos seus relatórios, falsificava os resultados da produção. No entanto, "várias citações elogiosas" lhe foram dedicadas e era apontado como "dirigente modelo".

Estes exemplos mostram que os kolkoses colocados sob o controle destes responsáveis se tornam sua propriedade privada. Transformam a economia colectiva socialis

ta numa nova economia Kolkosiana. Têm, em geral, nos organismos superiores pessoas que os protegem. As suas relações com os kolkosianos tornam-se relações de opressores a oprimidos, de explorados a exploradores. Não estaremos diante de novos Kulaks, de novos exploradores que esmagam com todo o seu peso os camponeses?

É evidente para todos que estas pessoas fazem parte de uma classe hostil ao proletariado e aos trabalhadores, pertencem à classe dos Kulaks, isto é, à burguesia rural. As suas actividades antisocialistas constituem precisamente a luta de classe pela qual a burguesia ataca o proletariado e os trabalhadores.

Além dos elementos burgueses nas empresas do Estado e nos Kolkoses, existem muitos outros nas cidades e no campo.

Alguns entre eles constituem sociedades privadas para a produção e venda a título particular; outros organizavam equipas de construção privadas que empreendiam publicamente trabalhos

por conta do Estado ou de organismos cooperativos; outros ainda exploravam hotéis particulares. Existia em Leninegrado, um "capitalista soviético" que contratava operários para produzir e vender blusas de nylon, em que "ganhava 700 rublos por dia"(II).

O proprietário duma oficina na região de Koursk fabricava botas de feltro, para vender a preços elevados. Tinha 540 botas de feltro, 8 Kilos de moedas de ouro, 3.000 metros de tecidos, 20 tapetes, 1.200 kilos de lã e muitas outras coisas. O proprietário duma empresa particular da região de Gomel "empregava operários e artifices, tendo no espaço de dois anos, empreendido por altos preços, a construção ou restauração de fornos de cal em 12 fabricas(I2). Na região de Oremburgo, havia centenas de hotéis e organismos privados, e "o dinheiro dos kolkoses e do Estado estava continuamente no bolso dos proprietários".

Outros dedicavam-se à especulação, realizavam altos lucros pela compra a baixos preços, pela

venda a preço elevado e o transporte ilícito de mercadorias para grandes distâncias. Moscovo conta um grande numero de especuladores que se ocupam da revenda de produtos agrícolas. "Fazem mercado negro revendendo laranjas, maçãs e legumes que são trazidos para a cidade de Moscovo". Foram oferecidas todas as facilidades a estes abusadores: hotéis junto aos mercados, armazéns de depósito e além de outras instalações são postas à sua disposição"(13). Uma especuladora da região de Krasnodar tinha formado a sua "própria rede de agentes" e "empregava doze vendedores e 2 carregadores"; enviava "milhares de suínos, centenas de quintais de cereais e centenas de toneladas de fruta" das regiões rurais para a bacia do Don, e fazia transportar grandes quantidades de tijolos roubados, vagões inteiros carregados de vidro e outros materiais de construção, das cidades para o campo. Tinha enriquecido consideravelmente com esta venda ilícita(14).

Outros ainda agem como

intermediários ou agentes, tendo múltiplas relações sociais, obtendo tudo através delas, se lhes untarem as mãos. Havia um destes intermediários em Leninegrado que "não sendo ministro do Comércio, controlava todas as mercadorias" e "não tendo qualquer título nos caminhos de ferro, usava carruagens que estavam à sua disposição". Podia "obter fora deles as mercadorias cujos depósitos são estritamente controlados" Todos os armazéns de Leninegrado estão à sua disposição". As mercadorias que passavam pelas suas mãos deixavam-lhe apreciáveis "lucros" e assim, só durante o ano de 1960, recebeu 700 rublos duma companhia silvícola. Em Leninegrado, há um "grupo" de intermediários deste género(15).

Todos estes proprietários e especuladores de empresas praticam uma exploração capitalista desavergonhada. Não, é, pois, evidente que pertencem à burguesia, classe hostil ao proletariado?

Com efeito, a própria imprensa soviética qualifica estes elementos de "capitalistas soviéticos

cos", de directores de empresas de fresca data", de "proprietarios de empresas particulares", de "novos kulaks", de "especuladores", de "exploradores", etc. O grupo revisionista de Kruschov nao se aplicará a si mesmo uma injuria, uma vez que se obstina em afirmar que nao existem classes antagonicas na Uniao Soviética?

Os factos acima citados constituem somente uma parte dos que a imprensa soviética divulgou. Bastam ja para alarmar, mas os factos que nao foram revelados, os mais surpreendentes e mais graves que ela procurou esconder e enterrar, sao muito mais numerosos. O que citamos aqui é uma resposta à pergunta: as classes antagonicas e a luta de classes existem, ou nao, na Uniao Soviética? Estes factos podem ser constatados por muita gente, mesmo o grupo revisionista de Khruschov nao os pode negar.

Estes factos bastam para mostrar claramente que as actividades desenfreadas da burguesia hostil ao proletariado se multiplicam na Uniao So-

viética, nas cidades e nas aldeias, na industria e na agricultura, nos sectores da producao e da distribuicao, no campo economico e nos organismos do Partido e do Estado, da base até aos escaloes superiores de direcção. Estas actividades anti-socialistas sao a prova da dura luta de classe que a burguesia conduz contra o proletariado.

Nao é surpreendente que apareçam num pais socialista elementos da antiga e da nova burguesia que atacam o socialismo. Nao ha motivo de preocupacao se a direcção do Partido for marxista-leninista. Contudo, na Uniao Soviética de hoje, o problema é grave porque o grupo revisionista de Kruschov usurpou a direcção do Partido e do Estado e porque uma classe previligiada da burguesia apareceu na sociedade.

E deste problema que trataremos a seguir.

A CAMADA PREVILIGIADA DA UNIAO SOVIETICA E O GRUPO REVISIONISTA DE KRUTCHOV

Na sociedade soviética actual a camada pre-

villegiada é constituída pelos elementos degenerados dos quadros dirigentes dos organismos do Partido e do Governo, das empresas e dos kolkoses e intelectuais burgueses. Esta camada opoe-se aos operarios, aos camponeses e à grande massa da intelectualidade e dos quadros.

Imediatamente à Revolução de Outubro, Lénine observou que a ideologia e os habitos burgueses e pequeno burgueses cercavam e minavam em toda a parte o proletariado e contaminavam certas camadas. Este estado de coisas, entre os funcionarios, gerou nao apenas burocratas separados das massas mas também novos elementos burgueses. Lénine demonstrou além disso que os salarios elevados, embora necessarios aos técnicos burgueses especializados que conservaram os seus lugares sob o poder soviético, exerciam uma influência corruptora no regime soviético.

Prestou por isso particular atenção à luta a realizar contra a influência das ideologias burguesas e pequeno burguesas, na mobili-

zação das grandes massas para que participassem na gestão do Estado, na denuncia constante dos burocratas e dos novos elementos burgueses e do seu afastamento dos organismos soviéticos, e na criação de condições que impedissem a existência e o reaparecimento da burguesia. Indicou de modo claro que "sem uma luta sistemática e incessante para melhorar o aparelho, estaremos perdidos antes de ter criado a base do socialismo"(16).

Ao mesmo tempo, insistia particularmente na necessidade de manter o principio da Comuna de Paris referente à política de salarios, ou seja que todos os funcionarios recebessem salarios iguais aos dos operarios, sendo os especialistas burgueses os unicos a receber vencimentos elevados. Estas directrizes de Lénine foram applicadas no essencial, desde a Revolução de Outubro até ao periodo do levantamento da economia nacional. Os responsaveis dos organismos do Partido e do governo, os responsaveis das empresas e os especialistas comunistas que nelas trabalha-

vam recebiam um salario equivalente grosso modo ao dos operarios.

Nessa época, o Partido Comunista e o governo da Uniao Soviética adoptaram uma série de medidas, tanto no plano politico e ideologico como no sistema de repartição, para evitar todo o abuso do poder por parte dos quadros dirigentes dos diferentes sectores e os impedir de degenerar moral e politicamente.

Com Staline, o P.C.U.S. manteve-se fiel à ditadura do proletariado e à via do socialismo, combatendo as forças capitalistas. As lutas feitas por Staline contra os trozkistas, os zinovievistas e os boukharinistas foram, pela sua natureza, o reflexo no seio do Partido da luta de classes entre o proletariado e a burguesia, da luta entre as vias socialista e capitalista. O fim victorioso destas lutas permitiu esmagar a ve conspiração capitalista na Uniao Soviética, urdida pela burguesia.

Contudo, é inegável que antes da morte de Staline, grande numero de gente beneficiava dum regime de altos salarios

e alguns quadros tinham degenerado em elementos burgueses. No 19º Congresso do P.C.U.S., que se realizou em Outubro de 1952, o Comité Central do P.C.U.S. indicou no seu relatorio de actividade que fenomenos de degenerescência e de corrupção tinham aparecido nos organismos do Partido. Os dirigentes de algumas organizações do Partido tinham arranjado pequenas comunidades compostas exclusivamente pelos seus homens, "colocando os seus interesses de grupo acima dos do Partido e do Estado". Os dirigentes de algumas empresas industriais "esquecem que as empresas de que lhes foi confiada a direcção, ao Estado e esforçam-se por transforma-las em seu feudo". Alguns funcionarios da direcção do Partido, "em vez de zelarem pelos interesses da economia publica dos kolkoses, dedicaram-se a roubar os bens do kolkose". Nos campos cultural, artistico e científico, apareceram trabalhos atacando e denegrindo o sistema socialista; entre os homens de ciência manifestara-

-se um fenómeno de monopolio académico na lide Araktcheev.

Depois da usurpação da direcção do Partido e do Estado por Khrushchov, intervieram mudanças radicais na luta de classes na União Soviética.

Khrushchov introduziu uma série de medidas políticas revisionistas de interesse para a burguesia, e deste modo as forças capitalistas aumentaram prodigiosamente.

Sob o pretexto da "luta contra o culto da personalidade", difamou a ditadura do proletariado e o sistema socialista, preparando verdadeiramente o caminho para a restauração capitalista na União Soviética. Renegando inteiramente Staline, negou, no fundo, o marxismo-leninismo que Staline tinha mantido, abrindo assim o caminho à vaga revisionista.

Substituindo o "estímulo material" ao princípio socialista de "cada um segundo as suas capacidades, a cada um segundo as suas necessidades", Khrushchov, longe de reduzir, pelo contrario accentuou a diferença existente entre os rendimentos de uma minoria e os dos

operários, entre os camponeses e os intelectuais em geral. Animou os elementos degenerados implantados nos lugares de chefia, encorajando-os a serem ainda menos escrupulosos nos abusos do poder para se apropriarem dos frutos do trabalho do povo soviético. Deste modo, acelerou a polarização das classes na União Soviética.

Khrushchov sabotou a economia socialista planificada, aplicou o princípio do lucro capitalista, desenvolveu a livre concorrência capitalista e destruiu a propriedade socialista de todo o povo.

Khrushchov atacou o sistema de planificação socialista da agricultura, qualificando-o de "burocrata", de "superfluo". Foi com fervor que quis aprender junto dos fazendeiros americanos, que preconizou o modo de exploração capitalista, que encorajou a economia dos camponeses ricos e minou a economia colectiva socialista.

Pregou a ideologia burguesa, os conceitos burgueses de liberdade, igualdade, fraternidade e humanidade. Inculcou no

povo soviético. a metafísica do idealismo burgues assim como, as ideias reaccionarias que representam o individualismo, o humanismo e o pacifismo da burguesia; arruina a moral socialista; a cultura decadente burguesa do ocidente conhece a fama, enquanto que a cultura socialista é posta de parte e atacada.

Sob a capa de "coexistência pacífica", Khrushchov entendeu-se com o imperialismo americano, minou o campo socialista e o movimento comunista internacional, opôs-se à luta revolucionária das nações e dos novos oprimidos praticou o chauvinismo de grande potência e o egoísmo nacional, traiu o internacionalismo proletário. E tudo isto a fim de salvaguardar os interesses conquistados por um punhado de gente que ele colocou acima dos interesses fundamentais dos povos da União Soviética, do campo socialista e do mundo inteiro.

A linha adoptada por Khrushchov é revisionista cem por cento. Não só favoreceu o aparecimento de antigos elementos bur

gueses, como também engendrou um grande numero de novos agregados burgueses nos quadros dirigentes do Partido e do governo soviéticos, nos responsáveis das empresas do Estado e dos kolkoses e ainda nos intelectuais, que ocupam altas posições nos campos cultural, artístico científico e técnico.

Na União Soviética de hoje, os novos elementos burgueses aumentaram dum modo sem precedente e a sua situação social mudou radicalmente. Antes da chegada de Khrushchov ao poder não dominavam na sociedade soviética. As suas actividades eram limitadas e sancionadas. Mas logo que Khrushchov tomou o poder e usurpou gradualmente a direcção do Partido e do Estado, estes elementos burgueses alcançaram as posições dominantes no seio do Partido e do Governo e no poder económico, cultural e outros, e tornaram-se numa camada privilegiada da sociedade soviética.

Esta camada privilegiada é o elemento dominante na burguesia da União Soviética dos nos

ses dias e a principal base social do grupo revisionista de Khrushchov. E este é o representante político da burguesia soviética, em particular da camada privilegiada desta classe.

Da autoridade central às autoridades locais, dos organismos dirigentes do Partido e do governo aos sectores económicos, às instituições culturais e aos estabelecimentos de ensino, o grupo revisionista de Khrushchov procedeu a selecções sucessivas em todo o país, revogou e substituiu grande numero de quadros afastando aqueles em quem não tinha confiança e instalando os da sua confiança nos lugares de direcção.

Vejam os, por exemplo, o Comité Central do P.C.U.S. — Os numeros mostram que, como resultado dos XX e XXIII Congressos do PCUS reunidos respectivamente em 1956 e 1961, cerca de 70 por cento dos seus membros eleitos pelo XIX Congresso do P.C.U.S. em 1952 foram eliminados e cerca de 50 por cento dos seus membros, eleitos pelo XX Congresso, foram depurados no XXIII

Congresso.

Outro exemplo: as organizações locais e os diversos escalões. Segundo numeros incompletos, na véspera do XXII Congresso do P.C.U.S. o grupo revisionista de Khrushchov aproveitou-se da "renovação dos quadros" para revogar e substituir 45 % dos membros dos comités centrais das republicas federadas, dos comités do Partido dos territórios e regiões, e 40 % dos membros dos comités municipais e dos comités de distrito. Em 1963, com o pretexto de constituir "comités do partido para a industria" e "comités do partido para a agricultura", o grupo de Khrushchov revogou e substituiu mais de metade dos membros dos comités centrais das republicas federadas e dos comités do Partido das regiões.

Todas estas mudanças permitiram à camada privilegiada controlar o Partido, o Governo e os outros importantes sectores.

Esta camada privilegiada transformou em prerrogativas a função que era de servir o povo para submeter as massas ao

seu dominio, e abusou do seu poder de gestao dos meios de subsistencia e producao, para prosseguir os interesses proprios.

Apropriou-se do fruto do trabalho do povo soviético, obtendo salarios dezenas de vezes superiores aos dos operarios e camponeses vulgares? Nao somente se garante grandes rendimentos, sob a forma de elevados ordenados e grandes comissoes, de importantes direitos de autor, e de uma enorme variedade de subsídios usando igualmente as suas prerrogativas para fazer fraudes, aceitar subornos e apropriar-se dos bens publicos. Completamente separada do povo trabalhador soviético, vive parasitando uma existencia burguesa e corrompida.

Esta camada previligada da degenerou completamente no plano ideologico, cortou relacoes com as tradições revolucionarias do partido bolchevique, rejeitou os ideais sublimes da classe operaria soviética. Traiu a revolução e nao admite que os outros façam a revolução. E contra o mar-

xismo-leninismo e o socialismo. Pensa apenas em consolidar as suas posicoes economicas e a sua dominacao politica. As suas actividades exercem-se em funcao dos seus interesses particulares.

Depois de ter usurpado a direcção do Partido e do Estado soviético, o grupo de Khrushchov empreendeu transformar o P.C.U.S. partido de glorioso passado revolucionario marxista-leninista, num partido revisionista, de transformar o Estado soviético de ditadura do proletariado num Estado sob a ditadura do grupo revisionista de Khrushchov, de transformar progressivamente a propriedade socialista de todo o povo e a propriedade colectiva socialista numa propriedade da camada previligada.

Sabe-se que logo, que o grupo de Tito se comprometeu em seguir a via do revisionismo, apesar da bandeira "socialista" que continua a arvorar, a Jugoslavia assistiu à formacao gradual duma burguesia burocratica oposta ao po-

vo jugoslavo; dum Estado de ditadura do proletariado, tornou-se num Estado de ditadura da burguesia burocratica; e a sua economia de propriedade publica socialista transformou-se em capitalismo do Estado. E agora vê-se que o grupo Khrushchov se serviu da via percorrida pelo grupo de Tito. Khrushchov toma Belgrado por um lugar santo, e ja varias vezes exprimiu o desejo de estudar a experiência do grupo de Tito e declarou que e le mesmo e o grupo Tito "têm a mesma ideologia e são guiados pela mesma teoria". Isto nada tem de surpreendente(17).

O primeiro Estado socialista do mundo, o que foi criado pelo grande povo soviético com o preço de sangue, é colocado hoje pelo revisionismo de Khrushchov perante um perigo de uma gravidade sem precedentes, o da restauração do capitalismo.

O grupo de Khrushchov propaga que "ja não ha classes antagonicas nem luta de classes" na União Soviética", simplesmente para mascarar a realidade da cruel luta de

classe que ela impoe ao povo soviético.

A camada previligiada soviética que representa o grupo revisionista de Khrushchov só constitui uma fraca percentagem da população soviética. É só uma infima minoria no conjunto dos quadros soviéticos. É diametralmente oposta ao povo que constitui mais de 90 por cento da população, é o oposto das largas massas de quadros e dos comunistas soviéticos. As divergências entre elas e o povo são actualmente as principais contradições inconciliaveis de classe e de caracter antagonico.

O glorioso P.C.U.S., fundado por Lénine, e o grande povo soviético mostraram no decorrer da revolução de Outubro, um espirito criador revolucionario desconhecido na historia, e foram heroicos no duro combate levado contra os guardas brancos e a intervenção armada exercida por mais de dez potências imperialistas. Obteve brilhantes sucessos que são sem precedentes na luta pela industria-

lização, pela colectivização da agricultura. Na guerra patriótica contra o fascismo alemão, alcançou uma grande vitória que salvou toda a humanidade. Mesmo debaixo da dominação do grupo Khrushchov, a massa de membros do P.C.U.S. e o povo continuam as gloriosas tradições revolucionárias cultivadas por Lênine e Staline, baseiam-se no socialismo e aspiram ao comunismo.

A grande massa de operários, de kolcosianos e intelectuais soviéticos exprime o seu descontentamento à opressão e explorações feitas pela camada previligiada. Descobre cada vez com mais clareza a faceta revisionista do grupo de Khrushchov que traiu o socialismo e prepara a restauração do capitalismo. Entre os quadros soviéticos numerosos são os que se mantêm fiéis às posições revolucionárias do proletariado e à via socialista, que se batem contra o revisionismo de Khrushchov. A grande massa do povo, dos comunistas e dos quadros soviéticos usam todos os meios possíveis para contradizer e

combater a linha revisionista do grupo Khrushchov, a fim de impedir esta de repor o capitalismo a seu modo. O grande povo soviético luta para defender as gloriosas tradições da grande revolução de Outubro, para salvaguardar as grandes conquistas socialistas e desmascarar a conspiração da restauração do capitalismo.

(Tradução de dois capítulos do artigo: "O pseudo-comunismo de Khrushchov e as lições históricas que ele dá ao mundo", in PEKIN INFORMATION, N. 229, 1964)

NOTAS:

- I. "Sobre o projecto de Constituição da URSS", em "Os Problemas do leninismo".
2. "Relatório ao XVIII Congresso do PCUS", em "Os Problemas do leninismo".
3. "Krasnaya Zvezda" de 19 de Maio, 1962.
4. "Pravda vostoka" de 8 de Outubro, 1963.
5. "Pravda Ukrainy" de 18 de Maio de 1962.
6. "Izvestia" de 20 de Outubro de 1963 e "Nielgelya" (Suplemento de Domingo), n. 212 de 1964.

7. "Komsolomoskaya Pravda", 9 de Agosto de 1963.
8. "Kirkhik Soviet" de 9 de Janeiro de 1962.
9. "Selskaya Zhizn" de 26 de Junho de 1962.
10. "Economitcheskaya gazeta" n.º 35 de 1963.
11. "Selskaya Zhizn" de 14 de Agosto de 1963.
12. "Pravda" de 14 de Janeiro de 1962.
13. "Pravda" de 6 de Fevereiro de 1961.
14. "Izvestia" de 9 de Abril de 1963.
15. "Sovietskaya Russia" de 9 de Outubro de 1960.
16. "Izvestia" de 18 de Outubro de 1960.
17. "Selskaya Zhizn" de 17 de Julho de 1963.

...Comentário...

"A Terra" ao serviço da burguesia camponesa

Ja depois de escrito o artigo "O abandono da aliança operaria-camponesa", que saiu no primeiro numero do nosso boletim, chegou-nos às mãos o n.º 7 (maio) do jornal "A Terra", orgão clandestino editado pela direcção do Partido Comunista para os camponeses do Norte. O conteúdo deste jornal confirma da maneira mais indiscutível a apre-

ciação que dele fizemos naquele artigo que vale a pena analisar aqui, para elucidação dos militantes comunistas que ainda acreditam que a linha "unitaria" dos dirigentes do Partido tem alguma coisa a ver com o marxismo-leninismo.

Um dos principais artigos deste n.º 7 de "A Terra" intitula-se "O grave problema da falta de braços" e nele o seu

autor, visivelmente um patrao camponês, começa por proclamar: "Precisamos de trabalhadores e nao os temos; quando os ha, pedem uma tal jorna que nos é impossivel aceitar! Este é o clamor geral". Depois de explicar que a culpa desta situação ba be aos grandes capitalistas, o autor do artigo procura mostrar aos "nossos jornaleiros" que "nao ganham muito em partir à aventura por essas terras além, até França e mais longe, deixando os seus à sorte" e propoe-lhes que nao emigrem e fiquem ca para ajudar os pequenos e médios agricultores a lutar contra os agrarios e os banqueiros, mais Salazar e a sua camarilha.

O menos que se pode dizer é que é um pouco surpreendente esta utilização do jornal "A Terra" como agência patronal para recrutar trabalhadores assalariados. Mas ha mais. Na pagina seguinte "A Terra" transcreve uma correspondência dum jornal burguês onde é citado o prejuizo sofrido por um patrao

lavrador da Bairrada na cultura da batata, mencionando-se sem comentários entre as suas despesas "a jorna de seis mulheres a 15\$00 cada, 90\$00." Assim, "A Terra" convida-nos a lamentar os prejuizos sofridos pelo lavrador obrigado a pagar 90\$00 em jornas, e parece nao notar o outro aspecto da questão, o facto de haver na Bairrada, camponesas a ganhar, por uma jornada de dez ou doze horas de trabalho extenuante, 15\$00. Nessa mesma pagina transcreve ainda uma outra correspondência de outro jornal burguês, lastimando "a falta de operarios" e sugerindo que os patroes camponeses se organizem para a compra de maquinas.

Nesta altura os leitores começam sem dúvida a achar excessiva a "elasticidade" dos pontos de vista deste "orgao de unidade dos camponeses do Norte". Mas isto ainda nao é tudo. Num artigo intitulado "Medidas para acabar com a falta de carne", um outro patrao camponês propoe, como medida de defesa dos criadores de

gado perante os monopolios, a organizaçao de cooperativas e explica: "Se nos organizassemos em cooperativas de venda de gado, acabariamos com os intermediarios, criando serviços para venda directa ao comércio. As nossas cooperativas poderiam abater, frigorificar e vender e ainda poderiam comercializar os ossos e gordura, criando pequenas industrias regionais". Assim, "A Terra" bate-se pelo desenvolvimento do capitalismo nos campos e lança a palavra de ordem da criaçao de cooperativas patronais! Esperemos pois que, com a solícita colaboração de "A Terra" e dos dirigentes do PCP, os criadores de gado mais empreendedores consigam fundar as suas empresas e ascendam na carreira dos negocios de carnes, sempre frutuosos, como é bem conhecido.

Vamos terminar aqui as citações. Poderíamos referir ainda um artigo "O inverno e os agricultores", onde

em cinco paragrafos se cita doze vezes o governo como responsavel da situaçao dos agricultores e nao se diz uma so palavra sobre a luta de classes no campo, sobre exploradores e explorados; poderíamos perguntar também porque razao nao se consegue encontrar neste numero de "A Terra" um unico artigo, uma unica palavra de ordem em defesa do camponês trabalhador; poderíamos perguntar porque motivo as palavras de ordem que finalizam todos os artigos sao invariavelmente redigir exposições, eleger comissoes e reclamar eleições nos grémios, e nao ha uma so palavra de ordem revolucionaria, que indique o caminho para o derrubamento da ditadura.

Mas nao vale a pena pôr mais questoes; "A Terra" é evidentemente, sob a cobertura de "orgao de unidade dos camponeses do Norte", uma tribuna posta à disposiçao da burguesia camponesa pelos dirigentes do Partido Comunista. Esta é uma realida

de que esta patente a to dos os trabalhadores.

Gostaríamos apenas de perguntar aos dirigentes do P.C.P.: se vos considerais que a vossa tarefa suprema nos campos do Norte é tomar a defesa da pequena e média burguesia, a quem entregais vos o cuidado de defender o povo trabalhador dos campos, a massa miserável dos deserdados, dos famintos? Nas Beiras, Trás-os-Montes, Minho e Douro existem, para 48 mil pequenos e médios patroes camponeses, mais de 800 mil jornaleiros, assalariados e camponeses pobres: não considerais que estes também vos deviam merecer alguma atenção? E assim que preparais o levantamento armado das massas oprimidas do campo? Qual é afnal a vossa concepção da "aliança operaria-camponesa", da reforma agraria e da "revolução"?

O jornal "A Terra" é um dos exemplos que mostram o verdadeiro conteúdo da "Unidade"; quando os dirigentes do Partido Comunista Português nos acusam caluniosamente de sermos contrários à aliança do proletariado com a pequena e média burguesia na luta contra a ditadura fascista, eles procuram de facto encobrir o oportunismo da sua linha que consiste em submeter os trabalhadores à burguesia, a pretexto da "unidade". Começando por exigir "a mais ampla unidade", acabam por excluir os trabalhadores dessa "unidade"; é a isto que nos chamamos trair os interesses fundamentais das massas trabalhadoras. E contra isto que lutamos.

LENINE SOBRE A DITADURA DO PROLETARIADO

O essencial na doutrina de Marx é a luta de classes - é isto o que se diz e o que se escreve com muita frequência. Mas é errado. E, deste erro, resultam muitas vezes deformações oportunistas do marxismo, falsificações que tendem a torna-lo aceitável para a burguesia. A doutrina da luta de classes nao foi inventada por Marx mas pela burguesia antes de Marx e é, duma maneira geral, aceite pela burguesia. Todo aquele que reconhece unicamente a luta de classes nao é, so por isso, marxista; pode acontecer que ele esteja ainda enquadrado no pensamento burguês e na politica burguesa. Limitar o marxismo à teoria da luta de classes é trunca-lo, deforma-lo, reduzi-lo àquilo que é a aceitavel pela burguesia. So é marxista aquele que prolonga o seu conhecimento da luta de classes até à aceitação da ditadura do proletariado. E isto o que distingue fundamentalmente o marxista do comum dos pequenos (e também dos grandes) burgueses. E com esta pedra de toque que se poe à prova a compreensão e a aceitação efectiva do marxismo.

Nao é de admirar que, quando a historia da Europa conduziu a classe operaria a abordar na pratica esta questao, todos os oportunistas e reformistas, e todos os "Kautskistas" (aqueles que hesitam entre o reformismo e o marxismo) se tenham revelado miseraveis hipocritas e democratas pequeno-burgueses, negando a ditadura do proletariado. A brochura de Kautsky "Ditadura do proletariado", publicada em Agosto de 1918, quer

dizer, muito tempo depois da primeira edição da presente obra, oferece um modelo de deformação pequeno-burguesa do marxismo, repudiando-o cobardemente de facto, mas reconhecendo-o hipocritamente em palavras (ver a minha brochura "A revolução proletária e o renegado Kautsky", 1918).

O oportunismo contemporâneo, na pessoa do seu principal representante, o ex-marxista K. Kautsky, corresponde inteiramente às características apresentadas por Marx da atitude burguesa, pois ele limita o quadro da aceitação da luta de classes à esfera das relações burguesas? (Não existe nem um só liberal esclarecido que, dentro dos seus limites, não consinta em admitir "em princípio" a luta de classes!).

O oportunismo não prolonga o reconhecimento da luta de classes até aquilo que é justamente o essencial, até ao período de transição do capitalismo ao comunismo, até ao período de derrubamento e de aniquilamento da burguesia. Na realidade, este período é necessariamente marcado por uma luta de classes duma violência sem precedentes, revestindo formas de uma extrema agudeza. O Estado deste período deve pois necessariamente ser democrático de um modo novo (para os proletários e para todos os não-proprietários em geral) e ditatorial de um modo novo (contra a burguesia).

Mas prossigamos. So assimilou a essência da doutrina de Marx sobre o Estado, quem compreendeu que a ditadura de uma classe é necessária, não só para qualquer sociedade de classes em geral, não só pa-

ra o proletariado que tera derrubado a burguesia, mas também para todo o período histórico que separa o capitalismo da "sociedade sem classes" - o comunismo.

As formas que reveste o Estado burguês são extremamente variadas mas a sua essência é a mesma: em última análise, todos estes Estados são, de uma forma ou de outra, inevitavelmente, uma ditadura da burguesia. A passagem do capitalismo ao comunismo não pode evidentemente deixar de fornecer uma grande abundância e uma larga diversidade de formas políticas, mas a sua essência será uma só: "a ditadura do proletariado".

("O Estado e a Revolução",
Obras escolhidas, volume II,
pag.360-361, Edições em línguas estrangeiras, Moscovo).

ESTUDO DO MARXISMO

(Trechos marxistas-leninistas editados pelo Comité Marxista-Leninista Português)

Cadernos já publicados

- . I. "Lénine sobre a insurreiçao".
- . II. "Lénine sobre a revolução socialista".
- . III. "A passagem pacífica ao socialismo" (Lénine).
- . IV. "O exército popular e a revolução no Vietname, pelo general Guep".
- . V. "Paz ou violência"? (traduzido da revista "Estudos" do Partido dos Trabalhadores do Vietname).
- . VI. "Notas sobre o movimento revolucionário dos estudantes chineses".
- . VII. "Quem dirige o movimento revolucionário?"
- . VIII. "A Guerra de Guerrilhas" de Lénine.
- . IX. "A Revolução Permanente", textos do P.C. da China.

PUBLICAÇÕES DO PARTIDO COMUNISTA DA CHINA EM LINGUA PORTUGUESA

(Distribuidas pelo Comité M.L. Português)

Volumes publicados

- . "Proposta sobre a linha geral do movimento comunista".
- . I. "Origem e Evolução das Divergências entre a direcção do PCUS e nos".
- . II. "Sobre o problema de Staline".
- . III. "E a Jugoslavia um país socialista?"
- . IV. "Apologistas do Neo-colonialismo".
- . V. "Duas linhas diferentes no problema da guerra e da paz".
- . VI. "Coexistência pacífica - Duas políticas diametralmente opostas".